

TRANSFERÊNCIA E INTERFERÊNCIA FONÉTICA NO PORTUGUÊS FALADO POR LATUNDÊ

Gustavo da Silveira Amorim (IFAL/UFPE)
Gustavoamorim2004@gmail.com.br

1. Introdução

Para Thomason (2001, p. 5), o contato entre línguas está em toda a parte, muitos países têm mais do que uma língua oficial e, muito provavelmente, a maior parte da população mundial fala duas ou mais línguas. Posto dessa maneira, compreende-se que são muitos os estudos que abordam, sob formas, áreas e concepções diversas e interdisciplinares, o contato linguístico. No que concerne à linguística, estes estudos são de igual abundância. De acordo com Weinreich (1953), grande ou pequena, as diferenças e similaridades entre as línguas em contato podem ser exaustivamente estabelecidas em muitos domínios. Ainda, quando se trata da investigação do contato sob a égide da fonologia e da fonética, o número destes estudos diminui consideravelmente. Tal constatação corrobora com a necessidade de estudos linguísticos que tratem dos aspectos fonéticos quando observados no contato entre línguas. .

Devido à escassez de pesquisas fonéticas / fonológicas na área, especificamente, no Latundê e no Português Brasileiro, serão utilizados como cabedal para esta análise a pesquisa de TELLES (2002); e para a investigação do inventário do sistema fonológico do Português, BISOL (1996).

Dada a profundidade investigativa da natureza do contato, cabe-nos ressaltar aqui que o presente estudo não se encarregará de tratar de todas as suas nuances, visto que seu objeto está delimitado quanto aos processos fonéticos resultantes de tal contato. Quanto ao aporte teórico, serão citados os trabalhos de WEINREICH (1953), pioneiro a tratar das questões de interferência fonéticas oriundas do contato entre línguas.

2. Interferência e Transferência Linguísticas

No que tange aos aspectos extralinguísticos que regem os efeitos do contato sobre a fala de determinado componente social, Weinreich (1953) chama a atenção para os fatores que estão além das diferenças estruturais, bem como das inadequações lexicais da língua.

Um dos pressupostos básicos à natureza do falante diz respeito ao fato de duas ou mais línguas só poderem estar em contato, se usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. O uso individual da língua será o *locus* do contato. Quando isto ocorre, a transferência de elementos fonéticos será a motivadora pela reorganização de todo o velho sistema de oposição. Ele assegura que the term interference implies the rearrangement of patterns that result from the introduction of foreign elements into the more highly structured domains of language, such as the bulk of the phonemic system, a larger part of the morphology and syntax, and some areas of the vocabulary. (p. 1)

Quando dois sistemas são confrontados no contato, pode ocorrer o reordenamento de padrões, ou interferência, ou exclusão. Na interferência linguística, o problema de maior interesse é a ação recíproca dos fatores estruturais e dos não estruturais ao promoverem, estimularem ou impedirem cada interferência.

Concernente aos “Mecanismos e causas estruturais de interferência”, Weinreich, idem, p.7, coloca que há um tipo de interferência que é extremamente comum no contato linguístico, trata-se da relação de empréstimo na qual não há uma total transferência de todos os elementos. Logo, percebe-se que é comum a transferência de parte de um sistema ou de traços desse sistema fazendo com que haja uma “coexistência de fusão de sistemas”.

A coexistência ou fusão de sistemas linguísticos pode, de acordo com o estudioso em xeque, afetar a natureza de um signo linguístico, já que esta é a combinação de uma unidade de expressão e uma de conteúdo. Neste nível de bilinguismo, ou de interferência de sistemas, pode-se entender que a relação de significado e significante não se dá de maneira unívoca.

Diante da complexidade que é a transferência linguística, a ilustração por ele adotada é a de que a interferência é como areia carregada por um fluxo de água. Na língua, ela está sedimentada no fundo de um lago. E este fenômeno se dá em todos os níveis da gramática, p. 11.

Quando observou o contato entre os dois sistemas linguísticos em voga, Weinreich examinou o processo de interferência representado no segundo sistema fonêmico. Assim, ele elencou quatro tipos de interferências: i) subdiferenciação de fonemas, ii) superdiferenciação de fonemas, iii) reinterpretação de traços relevantes, iv) substituição de fone atual.

A subdiferenciação de fonemas ocorre quando dois sons de um sistema secundário, cujas contrapartes não se distinguem no sistema primário e estão confusos.

A superdiferenciação envolve a imposição de distinções fonêmicas do sistema primário sobre os sons do sistema secundário, onde eles não são necessários. O processo pode ser inferido a partir de uma comparação entre os sistemas de som em contato, mesmo que nem sempre é perceptível.

A reinterpretação de traços relevantes ocorre quando o bilíngue distingue fonemas do sistema secundário de características que nesse sistema são meramente concomitante ou redundante, mas que são relevantes no seu sistema principal.

A substituição de fone atual aplica-se aos fonemas que são definidos de forma idêntica em dois idiomas, mas cuja duração normal da pronúncia é diferente.

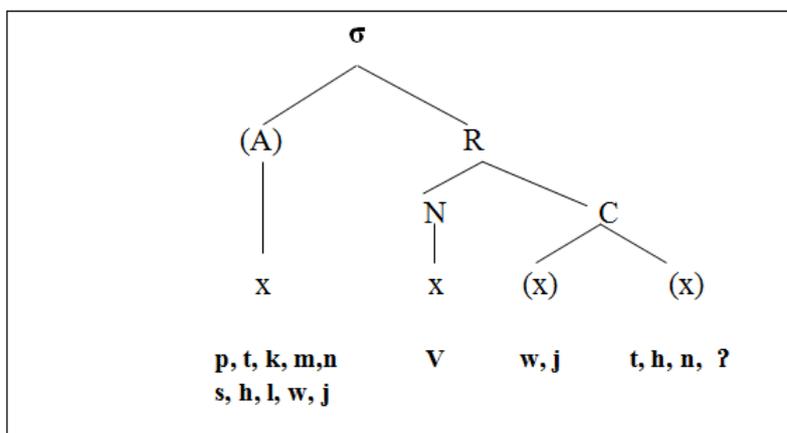
3. Fonologia do Latundê e do Português

Utilizamos para a descrição do Latundê a descrição feita por Telles (2002).

Fonemas Consonantais						
	Labiais		Coronais		Dorsal	Glottais
	+ anterior	- anterior	+ anterior	- anterior	- anterior	- anterior
Plosivas	p		t		k	ʔ
Nasais	m		n			
Fricativas			s			h
Lateral			l			
Glide		w		j		
Fonemas Vocálicos						
	Vogais			Vogais Laringais		
Altas	i		u	i		u
Altas Nasais	ĩ		ũ	i		u
Médias	e		o	e		o
Baixa		A			a	
Baixa Nasal		Ã			a	

Ainda de acordo com Telles, *Idem*, p.105, a estrutura silábica do Latundê, permite a composição de seis padrões: /V/, /VC/, /VCC/, /CV/, /CVC/, /CVCC/, que se incluem na extensão (C)V(C)(C), que podem ser representados de acordo com estrutura silábica descrita abaixo:

Figura 1: Estrutura silábica do Latundê



Os elementos que se encontram entre parênteses não são obrigatórios, são opcionais. Desta forma, constatamos que em Latundê os únicos lugares que são obrigatoriamente preenchidos, dependendo do padrão silábico, são o *onset* e o núcleo.

4. Os processos fonéticos no Português falado pelos latundê¹

É senso comum entre os estudiosos que as línguas mudam em diversos aspectos. Dessa feita, a variação e a mudança lhes são inerentes, conforme Cezario & Votre, 2008, p. 141.

Tal assertiva não pode ser tão simplista tendo em vista as motivações que se configuram no processo de mudança linguística. Além do fator tempo, outros aspectos estão intrinsecamente ligados às transformações as quais uma língua pode passar.

A mudança não é instantânea ou abrupta. Doutra forma, não podemos afirmar que ela, a mudança, seja regular em todos os casos. Devido à complexidade das transformações linguísticas, não podemos estabelecer um único molde para explicar estas modificações, haja vista que cada caso é particular quando tratamos de mudança linguística. O fenômeno da fusão de duas línguas desencadeia, por si só, uma série de processos que perpassa os diferentes níveis da gramática. No entanto, é no nível fonético/fonológico que estes processos são mais frutíferos. Sendo assim, podemos afirmar que os níveis fonéticos e fonológicos apresentam o maior índice de mudança e variação de uma língua. Por outro lado, de acordo com Cavaliere 2005, p. 56:

Os estudos desses processos nos auxiliam, enquanto estudiosos da língua, a entender como se comporta a mudança da língua, mediante verificação dos fatos ocorridos no passado que se mantêm no presente, bem como os que não mais se manifestam as mudanças dos sons nos usos hodiernos.

¹ Conforme Battisti e Vieira, 2005, muitas das regras fonológicas que atuam no Português Brasileiro podem estar no domínio da prosódica, da fonotática ou da morfologia. Neste trabalho, mais do que investigar quais os processos são atuantes no português, pretendemos investigar quais processos se configuram no encontro dessas duas línguas. Pois, assim como tais processos ocorrem no PB, é possível que os processos ocorrentes no Latundê influenciem o português resultante do contato linguístico.

A análise realizada dos processos fonológicos do Português falado pelos latundê terá como base a estrutura silábica do português e do latundê. Ressalvamos que os dados referentes ao Latundê foram retirados de Telles, 2002.

4.1. Monotongação

No português falado pelos latundê, os ditongos decrescentes orais², assim como no português, de longe, foram os mais monotongados. Além destes, o ditongo nasal decrescente [ãw], tanto em final de verbos quanto de nomes, se mostrou ocorrente na redução.

(1)	[de'basŭ]	debaixo	(2)	[bi'ʒu]	beiju
	[_j'basŭ]	embaixo		[ke'me]	queimei
(3)	[note]	noite	(4)	['kaze]	causa
(5)	[ke'bro]	quebrou	(6)	[de'sarŭ]	deixaram
	[vo'to]	voltou		[fi'kari]	ficaram
(7)	[fa'kõ]	facão		[falarŭ]	falaram
	[kora'sõ]	coração	(8)	[taba]	tábua
	[grã'dõ]	grandão	(9)	...mãø'mãdava	mãe mandava

Os dados nos mostram que os contextos em que há mais recorrência da monotongação não diferem muito do que ocorre em português. Os ditongos que mais se monotongam são os decrescentes. Bisol, 2001, p. 112, afirma que os verdadeiros ditongos são os decrescentes. Os crescentes, de acordo com a autora, seriam falsos ditongos, uma vez que podem ser realizados como hiato e tem variação livre.

Com exceção de (3), onde o monotongo se dá diante de uma alveolar no contexto seguinte, os demais casos também são categóricos na língua materna. Bisol, 2001, p 112, elenca alguns ambientes mais recorrentes à monotongação como a presença da tepe ou da palatal em posição seguinte que são segmentos que contribuem para a monotongação. Os ditongos presentes nas formas verbais são mais frequentemente monotongados, o que nos leva a refletir sobre duas hipóteses: i) a entrada dessas formas verbais no português latundê, e; ii) outra explicação se dá ao fato de o Latundê ser uma língua que favorece à monotongação. Conforme Telles, 2002, p.100.

Em (7), a fusão do ditongo nasal decrescente /ãw/ resulta na vogal nasal média posterior [õ]. Fato este também constatado por Telles, *idem*, p.101 “Os ditongos /aw, ãw/ e /aj, ãj/ são os que mais regularmente sofrem processo de fusão, da qual decorrem as realizações médias baixas. Os falantes Latundê a partir da geração pós-contato realizam sistematicamente a fusão em tais ditongos.”

Em (9), vimos uma monotongação atípica que é o apagamento do glide do ditongo nasal, *mãe* > *mãø*. Neste caso, uma possível explicação estaria no fato de, na frase fonética, a sílaba seguinte conter os mesmos elementos da sílaba inicial do vocábulo anterior, o que favorece a supressão desta semivogal.

4.2 Síncope de /l/ e /r/ em onset complexo

A redução do ônsset complexo em Português falado pelos latundê é um processo muito comum, que se dá devido a não aceitação de um segundo elemento no ônsset. Como podemos observar, é um processo variante passível de sistematicidade.

² [ay],[aw], [ey], [ew], [ow], [oj]

De acordo com Telles, 2002, p.105, a estrutura silábica do Latundê permite a composição de seis padrões: /V/, /VC/, /VCC/, /CV/, /CVC/, /CVCC/, que se incluem na extensão (C)V(C)(C). Em latundê, o onset não é complexo. Tal fato favorece a redução de segmentos que nele estejam posicionados. Geralmente é o segundo elemento que é suprimido.

Os dados de (12), no entanto, apontam que este processo é variável.

(10)	[bĩ'kãŋŮ]	<i>brincando</i>	(12)	[bĩ'karrŮ]	<i>brincaram</i>
	[dêŋŮ]	<i>dentro</i>		[sôbra'sô]	<i>assombração</i>
(11)	['buza]	<i>blusa</i>		[fe'brŮ]	<i>febre</i>
	[bici'ketɪ]	<i>bicicleta</i>		[fɾesa]	<i>flecha</i>

4.3 Apagamento da coda

Em Latundê, a coda pode ser ramificada e são seis os segmentos que podem preencher o espaço da coda, os glides /w, j/ além das consoantes /t, h, n, ɸ/.

Telles, 2002, p.106, afirma que 'a primeira posição sempre será ocupada por um dos dois glides. Já a segunda, pode ser ocupada pelas consoantes /ɸ, h, n/. A consoante /t/ pode ocupar a posição de coda, mas sempre seguindo uma vogal simples (não ditongo)'.

Conforme os dados descritos abaixo, os segmentos que mais são apagados em posição de coda são os glides /j, w/ e as consoantes /h, s/.

Em (13), como podemos perceber, o processo de apagamento da coda é muito recorrente no processo de monotongação. Que, a depender do contexto, tem sido categórico. Apesar de o quantitativo de dados serem maior em (14), não podemos afirmar se o apagamento /h/ é maior que /s/, uma vez que o quantitativo de dados mantém relação com a ocorrência deles.

(13)	['mũto]	<i>muito</i>	(14)	[du'mi]	<i>durmir</i>
	['baso]	<i>baixo</i>		[pi'gũta]	<i>pergunta</i>
(15)	[hipôdew]	<i>respondeu</i>		['pota]	<i>porta</i>
	[gotozŮ]	<i>gostoso</i>		['kota]	<i>corta</i>

4.4 Redução do gerúndio - Assimilação do /d/

No Português falado pelos latundê é praticamente categórica a ocorrência da assimilação da alveolar.

O fato de no inventário fonológico do latundê não constar a oclusiva dental vozeada pode ser a justificativa mais plausível para a não realização deste segmento no dialeto em cheque.

(16)	[falãŋŮ]	<i>falando</i>	(17)	[dimurãŋɪ]	<i>demorando</i>
	[brĩgãŋŮ]	<i>brigando</i>		[asinãŋɪ]	<i>ensinando</i>

Em (16), o processo de assimilação resulta na manutenção da vogal alta posterior final. Diferentemente, em (17), a assimilação culminou na mudança da vogal posterior alta final para a anterior alta final.

4.5 Redução das palatais nasal e lateral³

A redução das palatais nasal e lateral está diretamente ligada a não existência destes segmentos no inventário fonológico do Latundê. No entanto, estudos apontam estes segmentos como complexos do ponto de vista de seus comportamentos⁴.

Câmara Jr. 1977, p. 77, afirma que o processo de palatalização é a responsável pelo surgimento de quatro consoantes no sistema fonológico latino: /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ʎ/. *Historicamente, estas consoantes apareceram no sistema português pela combinação da consoante dura correspondente com um /y/.* O processo de palatalização, portanto, é um processo secundário que é resultado de uma assimilação motivada pelo contato com o fonema /y/.

Em (18), o processo de assimilação regressiva desencadeia a iotização do segmento contribuindo para o surgimento dos ditongos orais decrescentes /uj/, /oj/, e /ej/.

(18) [muj'ɛ] mulher [ba'ɲj] barulho

Nos exemplos descritos em (19), o processo ocorrente é a despalatalização. Logo, o fonema resultante de tal processo é o a lateral não-palatal.

(19) ['fɪla] filha ['fola] folha

Em (20) e (21), o processo de despalatalização resulta no apagamento total da palatal.

(20) [mi'õ] milho (21) ['mĩa] minha

No caso de (22), o que ocorre é o apagamento da palatal. No entanto, há uma prolongação da vogal final, que neste caso é a alta anterior.

(22) [piki'nĩnĩ:] pequenininho [fa'kĩ:] faquinha

4.6 Aférese

A queda da sílaba inicial *es-* em verbos como *esperar*, *estar*, e do *a-* em vocábulos como *aqui*, *acabar*, é muito comum em alguns dialetos brasileiros. Entretanto, no português falado pelos latundê, o processo da aférese se expande para outros contextos linguísticos.

(23) [ku'tãni] escutando (25) [kelɪ] aquele
[kapa] escapa [me'to] aumentou
(24) [tu'piw] entupiu (26) [o'sejs] vocês
[gã'no] enganou [pi'taw] hospital

Em (23), a supressão da sílaba *es-* é realizada diante de /p/ e /k/. Enquanto que em (24), o apagamento de *en-* se dá diante de /t/ e /g/. Já em (25), a queda de *a-* se dá em contextos diversos.

Quanto a (26), os primeiros exemplos não se distanciam do que ocorre em português, *vocês* > [o'sejs], [sejs]. Os exemplos finais apontam para uma redução da sílaba pré-pretônica, o que assinala, neste caso, para o padrão trissílabo e paroxítono da língua.

4.7 Apócope

³ Ressaltamos que, em alguns casos, o processo de redução da palatal lateral está diretamente ligado a dois outros processos fonético que é a vocalização da consoante palatal, como em [ʎja] > *olha*, e a despalatalização, como em [fola] > *folha*.

⁴ No Português Brasileiro, conforme Aragão 1999, p. 04, as palatais nasal e lateral são segmentos que desencadeiam processos fonéticos. Eles podem ser: i) completamente apagados; ii) assimilados com resultado de iotização; iii) mantidos; e iv) realizados como não-palatais.

Geralmente, assim como nos demais processos, a sílaba tônica é preservada de qualquer alteração. Embora alguns processos explicados aqui tratem da apócope, como a redução do gerúndio e ditongo finais, ou apagamento da nasal palatal, a exemplo de (27).

(27)	[tu'dĩ]	<i>tudinho</i>	(29)	['maj]	<i>mais</i>
	[sa'bõ]	<i>sabão</i>		[di'fisõ]	<i>difícil</i>
(28)	['kɛ]	<i>quer</i>	(30)	['via]	<i>viado</i>
	['ve]	<i>ver</i>		['luɲ]	<i>Lurdes</i>

Em (28), a apócope é do 'r' final, processo muito comum no português atual. Diante de tal explicação, não nos cabe assegurar se o processo é próprio do latundê, ou trata-se apenas da forma como fora emprestado pelo português. Quanto a (29), os exemplos nos direcionam para a observação da queda de um único fonema final. Enquanto que em (30) o pagamento é de uma sílaba.

4.8 Síncope⁵

A forma mais comum deste processo se apresentar no português é nas proparoxítonas. Em alguns dialetos, a depender do contexto linguístico, é categórico a ocorrência da redução interna no vocábulo. Nos exemplos elencados em (28), no caso das proparoxítonas, tal redução é motivada pelo padrão acentual do português que permite com mais tolerância o padrão paroxítono, ao proparoxítono, conforme Silva, 2006, p.78.

(31)	[muʒka]	<i>música</i>	[hapõ]	<i>rápido</i>
	[kɔʃka]	<i>cócega</i>	[avɪ]	<i>árvore</i>

4.9 Junção de Palavras - Ressilabação

Para Bisol, 1992, p.67, a ressilabação que envolvem as vogais podem classificados em: i) elisão - afeta a vogal /a/, ii) ditongação - favorece à formação de ditongos; e iii) degeminação - ocorre quando as duas vogais que se encontram são semelhantes, desde que a segunda vogal não tenha acento primário.

(32)	[n'ɔ:ra]	<i>na hora</i>	(34)	[ki'li]	<i>que ele</i>
(33)	[dɛ'zɔra]	<i>dez horas</i>			

Em (32), o processo ocorrente é a elisão. Como forma de compensação deste apagamento, o segmento que prevalece também é prolongado. Além da junção de vocábulos, o que ocorre em (34) como resultado desta junção é a elevação das vogais. Os exemplos dispostos em (33) fazem menção ao sândi de vogal e consoante. Neste caso, conforme o exemplo, a consoante se vincula à vogal seguinte formando uma só sílaba.

4.10 Ganho de elementos

Embora em menor número, os processos que resultam em ganhos de elementos também ocorrem, timidamente, no Português falado pelos latundê. Como veremos, são poucos os processos, e menores ainda os casos em que eles ocorrem.

⁵ Os exemplos apresentados demonstram que o processo ocorrente são muito mais motivado pelo português do que pelo Latundê. A nossa classificação fica aqui a caráter de registro.

(34)	[o'sejs]	vocês	(36)	[ato'maŋu]	tomaram
	['nɔjzɪ]	nós			
(35)	[há'pazɪ]	rapaz	(37)	[dese:]	desse
	[tuba'rõnɪ]	tubarão		['se:]	esse

Em (34), a ditongação se realiza com, ou sem, a presença da fricativa alveolar. Embora seja, no Português falado pelos latundê, a fricativa alveolar a favorecedora da ditongação. Os exemplos dispostos em (35) fazem menção à paragoge. Este processo também está diretamente ligado à presença da fricativa alveolar desvozeada e da nasal. No caso em xeque, a inserção pode ser da vogal alta posterior, [hapazõ] > rapaz, mas a preferência é pela vogal alta anterior.

Em (36), o processo ocorrente é a prótese, que se dá a presença da vogal baixa diante do verbo. Este tipo de prótese é bem recorrente na Língua Portuguesa.

Outra forma de ganho de elementos pode ser o prolongamento da vogal final. Os exemplos de (37) nos mostra o prolongamento da vogal média anterior, embora seja praticamente ocorrente no mesmo contexto,

4.11 Despalatalização

O processo de despalatalização no Português falado pelos latundê se dá principalmente na fricativa alveolar desvozeada, passando a se comportar como fricativa alveopalatal, conforme (38). Os contextos em que o processo ocorre são diversos, podendo se realizar em qualquer posição do vocábulo.

(38) [su'paha] chupava [sã'mãdõ] chamando
 ['bisõ] bicho ['baso] baixo

Em (39), o processo de despalatalização atinge a fricativa alveopalatal vozeada que passa a se comportar como fricativa alveolar.

(39) [lizeřõ] ligeiro [lõzɪ] longe

4.12 Palatalização e Fortalecimento

A palatalização é um processo muito atuante na língua Latundê que se expande intensamente ao Português. Em (40), a palatalização atinge tanto a fricativa alveolar vozeada quanto a desvozeada, passando a se realizar como fricativas alveopalatais.

(40) [kofa] gosta (41) [u[a] usa
 [fũmirõ] sumiram [bu'zohõ] besouro

Em (42) e (43), a palatalização abrange as consoantes oclusivas alveolares que se realizam como africadas alveopalatais. E podem ocorrer em qualquer posição e contexto da palavra.

(42) [ĩdʒõ] índio (43) [tʃa'ɪ] sair
 [mãdʒõga] mandioca [tʃi'ŋga] seringa

Os exemplos de (44) apontam para um processo secundário, o fortalecimento. Neste caso, a fricativa alveopalatal passa a ser pronunciada como africada.

(44) [tʃo'ɾã̃nõ] chorando [tʃa'ma] chama

4.13 Vozeamento e Desvozeamento

O processo de desvozeamento atinge as consoantes oclusivas sonoras /g, d/, conforme (45) e (46). Enquanto que em (47), o processo de vozeamento atinge a consoante oclusiva velar desvozeada.

(45) [bɾika] briga (46) [ti'poj] depois
 [ko'ʃta] gosta [sẽ'tatu] sentado
 [kɔvi'õ] gavião (47) [hã'ga] arranca

4.14 Abaixamento e Elevação das Vogais Orais

No Português falado pelos latundê, os processos de abaixamento e elevação diferenciam-se dos contextos favorecedores para o Português. No caso de (48), o único caso de abaixamento ocorre na vogal anterior nasal /ẽ/, que passa a ser pronunciada como vogal baixa.

(48) [asi'na] ensinar [asi'nãni] ensinando

Em (49), a elevação atinge a vogal baixa final que passa a se comportar como alta anterior e é a detentora da maior incidência. Nem sempre esta assimilação se dá em decorrência da presença de uma vogal alta no interior do vocábulo. A assimilação, às vezes, além de favorecer a elevação da vogal final, altera também o padrão acentual do vocábulo, fazendo com o acento seja deslocado para a sílaba em que ocorreu a transformação, conforme (50).

(49) ['suzɪ] suja ['kazi] causa
 (50) [ba'ti] bater

Assim como em (49), em (51) a elevação da vogal final também é realizada como alta anterior. Neste caso, não se trata da vogal baixa, mas da elevação decorrente de outra elevação, pois a vogal média posterior que no português é realizada em posição final como alta posterior, no Português falado pelos latundê é pronunciada como alta anterior.

(51) ['lɪpi] limpo ['komɪ] como

A elevação que ocorre no final dos vocábulos de (52) decorre do fato de alguns segmentos, como /a/, serem flutuantes. Aqui, a vogal baixa, diferentemente de (49) se realiza como alta posterior.

(52) [ka'besõ] cabeça [ka'nɛlõ] canela

Em (53), o resultado da elevação é também a alta posterior. Porém, neste caso, a vogal que alça é a médio-alta anterior, que no dialeto português é categórico em ser pronunciado como alta anterior.

(53) ['hedõ] rede [bas'tãtõ] bastante

Passemos agora ao comportamento das vogais em posição pretônica. O exemplo dado em (54) é bem curioso pelo fato de a elevação ocorrer na sílaba tônica. A elevação deste vocábulo consiste na alteração da vogal baixa para a médio-baixa fato também inusitado para o português brasileiro.

(54) [hɛla] rala

Em (55), ocorre uma relação não-homorgânica, a vogal pretônica sofre uma assimilação parcial. Este tipo de alçamento também é pouco comum no Português do Brasil, salvo em algumas poucas localidades.

(55) [ũtigõ] antigo

Os dados de (56), (57) e (58) demonstram a falta de uma regularidade no alçamento das vogais pretônicas. Embora seja a vogal [e] a ser assimilada, o fato é que nem sempre esta vogal é motivada pela mesma vogal da sílaba tônica. Distante até do que propõe as regras para o português que aponta a vogal alta anterior como o grande gatilho para a elevação do [e]. Nestes exemplos, não apenas as vogais da sílaba tônica, como o /u/ de [pi'gũta] > pergunta, mas os segmentos posteriores às vogais pretônicas os motivadores, como em [hipõdew] > respondeu.

(56) [pi'gũta] pergunta [vimej] vermelho

(57) [fukãmõ] ficamos (58) [kumiw] comeu

4.15 Nasalização e Desnasalização

A nasalidade no Português falado pelos latundê se dá por assimilação dos segmentos nasais anteriores e posteriores, conforme (59). Nestes exemplos, a presença da vogal alta anterior indica a assimilação do traço de altura das vogais e das consoantes nasais, uma vez que estas possuem também o traço + alto.

(59) [me'ã] meia [bñ'gãñõ] brigando

Em (60) ocorre o processo inverso. A desnasalização se configura em ambientes onde há maior recorrência à nasalização, indicando o quão flutuante neste dialeto é este processo.

(60) ['ni] nem (não) ['mia] minha

4.16 Fenômenos envolvendo os róticos

Os exemplos dispostos em (61) apontam para a aspiração do /h/ em coda silábica. Processo este que é motivado pela preferência de não-coda da língua latundê.

(61) ['du^hmi] dormi [is'cõ^hpiãw] escorpião

Nos dados de (62), o que ocorre é o processo de enfraquecimento. As consoantes fricativas alveopalatais perdem o ponto de consoante e passam a se comportar como fricativa glotal como em (63), onde a fricativa alveolar assume a realização de fricativa glotal.

(62) ['hũtõ] junto [pihũ'tãñõ] perguntando

Ainda com relação a (63), a coda silábica preenchida por uma fricativa alveolar sofre também um enfraquecimento, podendo ser realizada como fricativa glotal, ou simplesmente, desaparecendo.

(63) ['mihmõ] mesmo [mi'mõ] mesmo

A realização final do processo de rotacismo atuante em (64) e (65) é o segmento consonantal tepe. Os dados de (65) são mais notados na variedade não culta da língua portuguesa.⁶

(64) [ka'bore] acabou-se [taba'tava] trabalhava

⁶A presença deste processo no português é fato notório à qualquer ouvido. Devido à estigmatização da variedade desta variedade, alguns autores propuseram alguns personagens onde este processo é retratado, como por exemplo, o personagem "Cebolinha" da "Turma da Mônica".

(65) ['pɾãta] planta ['gɛba] gleba

4.17 Labialização e Deslabialização

Os processos secundários de labialização e deslabialização estão relacionados, no português falado pelos latundê, às consoantes oclusivas velares e se realizam, praticamente, nos mesmos contextos.

(66) [pa'gɔ] apagou ['kõɪ] que

(67) ['kazi] quase ['kãdõ] quando

4.18 Metátese

A alternância de segmentos no português falado pelos latundê pode se dar entre sílabas diferentes, ou entre elementos da mesma sílaba.

(68) [ba'hiõ] bairro [fɛ'venõ] fervendo

4.19 Sístole

Mudança com relação ao acento, que passa à sílaba anterior.

(69) ['mOhe] morrer ['kalo] calor

Referências Bibliográficas

AIKHENVALD, Alexandra Y & R. M. W. Dixon (eds) 2007. Grammar in Contact: A cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press.

ALMEIDA, M. Regina Celestino de. Os Índios na História do Brasil. Rio de Janeiro, FGV, 2010.

BISOL, Leda. (org.) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 3ª Edição. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001.

CÂMARA-JÚNIOR, Joaquim Matoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 36ª Ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela.(org.) História dos Índios no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CAVALIERE, Ricardo. Pontos essenciais em fonética e fonologia. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Orgs.). Introdução à Linguística: Objetos Teóricos. 5ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 141-163.

CRISTÓFARO-SILVA. Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 6ª ed. São Paulo. Editora Contexto, 2002.

HYMES, Dell (Ed.). (1964) Language in Culture and Society: A Reader in Linguistics and Anthropology. New York: Harper & Row.

- LASS, Roger. Phonology: An introduction to basic concepts. Cambridge United Press, Cambridge, 1995.
- MATRAS, Yaron. (2009). Language Contact. Cambridge University Press, New York.
- ROMAINE, Suzanne (2000). Language in Society : an introduction to sociolinguistics. 2^a ed. New York: Oxford University.
- SCHANE, Sanford A. Fonologia Gerativa. Editora Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.
- SPENCER, Andrew. Phonology: Teory and description. Blackwell Publishing, Cariton, 2005.
- TELLES, Stella Virgínia de Araújo Pereira Lima. Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê. Academish Proefschrift. Tese de Doutorado, 2002.
- THOMASON, Sarah Grey. (2001) Language Contact: An Introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, Great Britain.
- TRASK, R. L. Dicionário de Linguagem e Linguística. Editora Contexto. São Paulo, 2004.
- VAN COETSEM, Frans. Loan Phonology and the Two Transfer Types in Language Contact (Dordrecht: Foris, 1988)
- WEINREICH, Uriel. (1964). Languages in Contact. Nova York: Linguisticss Circle of New York.